



ARTIGOS – ARTICLES

Nova ordem mundial: oportunidades e desafios para a Lusofonia

Aurobindo Xavier¹

Sociedade Lusófona de Goa (Índia)
info@lusophonegoa.org

Como citar este artigo: XAVIER, A. “Nova ordem mundial: oportunidades e desafios para a Lusofonia”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n°15, pp. 334-374. 2023. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa

Resumo: Neste trabalho é abordada primeiro a nova ordem mundial emergente sob perspectiva histórica, levando em consideração as duas Grandes Guerras, o consequente multilateralismo, o surgimento do mundo bipolar pós segunda Grande guerra e a Ascensão e declínio do Mundo Unipolar sob a Hegemonia dos EUA. Seguidamente é descrita a força política e económica da China e da Rússia, os novos global players que dominarão a estruturação da nova ordem mundial juntamente com os EUA. Neste contexto é focada a possível influência da China e da Rússia nos países lusófonos, especialmente os situados na África e no Brasil. No final discute-se até que ponto a lusofonia pode e deve tornar-se um poder global, e a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) como expressão desse poder, deve enquadrar-se na nova ordem mundial. Os pressupostos desse enquadramento são discutidos e exigem, para além de uma unidade muito forte dos países lusófonos, uma estratégia de política externa para articular e traduzir a força lusófona numa abordagem integrada e fazer fluir sua força económica e institucional em uma nova política mundial.

Palavras-chave: Lusofonia. Relações Internacionais. Nova ordem mundial. Geopolítica.

¹ Aurobindo Xavier nasceu em Goa/Índia (Índia Portuguesa até 1961), vive alternadamente em Goa/Índia, Portugal e na Alemanha. Estudou Geociências em Coimbra, Colónia e Munique. Formou-se na Ludwig-Maximilians-Universität de Munique (Alemanha) e doutorou-se na Universidade Técnica de Munique (Alemanha). Trabalhou em Centros de Investigação e foi professor universitário, em Munique (Ludwig-Maximilians-Universität München), Rio de Janeiro (CENPES - Centro de Pesquisas Leopoldo Américo Miguez de Mello /PETROBRAS) e Lisboa (Universidade Técnica de Lisboa). Presentemente, Professor Universitário aposentado, dedica-se ao estudo da geopolítica nas relações lusófonas. Foi fundador e é o atual presidente da Sociedade Lusófona de Goa (Índia).

New world order: opportunities and challenges for Lusophony

Abstract: In this work, the emerging new world order is first approached from a historical perspective, taking into account the two World Wars, the consequent multilateralism, the emergence of the bipolar world after World War II and the Rise and decline of the Unipolar World under US Hegemony. Next, the political and economic strength of China and Russia, the new global players that will dominate the structuring of the new world order together with the USA, is described. In this context, the possible influence of China and Russia in Portuguese-speaking countries, especially those located in Africa and Brazil, is focused. In the end, it is discussed to what extent Lusophony can and should become a global power, and the CPLP (Community of Portuguese-Speaking Countries) as an expression of this power, must fit into the new world order. The assumptions of this framework are discussed and require, in addition to a very strong unity of Portuguese-speaking countries, a foreign policy strategy to articulate and translate the Portuguese-speaking force into an integrated approach and make its economic and institutional force flow into a new world policy.

Keywords: Lusophony. International Relations. New world order, Geopolitics.

A Nova ordem mundial emergente sob perspectiva histórica

Para melhor se compreender a atual ordem ou melhor a desordem mundial e para perspetivar o próximo futuro da nova ordem mundial nada melhor do que aprofundar um pouco na raiz histórica da atual ordem mundial.

Entre meados do século XVI e meados do século XVII e finalmente com a Guerra dos Trinta Anos na Europa, que terminou em 1648 com a Paz de Vestfália, verificou-se a transição do anterior direito medieval, orientado para a pessoa, para um direito orientado para o território (Bring, Ove. 2000). Assim terminou a concepção medieval de uma sociedade de estados que era organizada hierarquicamente e, portanto, com base na desigualdade e a Paz de Westfália reconheceu a igualdade dos Estados como um princípio do direito internacional moderno e a não ingerência na sua política interna. Mas segundo SNYMAN-FERREIRA, M. P. (2006) essa não ingerência pode ser considerada atualmente como limitada pela internacionalização e universalização da Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada pelas ONU.

As Grande Guerras: de Multilateralismo para o Mundo unipolar

Ainda antes de ter sido assinado o armistício a 11 de novembro de 1918, que pôs fim aos combates na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial, o presidente dos EUA Woodrow Wilson defendia o multilateralismo inclusivo. No seu famoso discurso de "Catorze Pontos" a 8 de janeiro de 1918, ele expôs uma visão de uma ordem internacional pacífica no qual dizia que todos os Estados devem desarmar grande parte de seus militares e firmar no futuro acordos diplomáticos com outros parceiros. E previa ainda que os povos europeus deveriam ter direito à autodeterminação e ao livre comércio econômico, o que significava na prática o desmantelamento dos impérios europeus e da criação de novos Estados (THE FOURTEEN Points).

A assinatura do Tratado de Versalhes em 28 de junho de 1919 que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial, difundia implicitamente a ideia do multilateralismo de Woodrow Wilson. É verdade que o Tratado terminou formalmente com a Primeira Guerra Mundial mas ao mesmo tempo, lançou as bases para a Segunda Guerra Mundial. Mal imaginava Woodrow que ele tinha deixado o gênio do nacionalismo sair da lâmpada. É que os políticos alemães aproveitaram-se do tratado para um ponto de encontro nacionalista contribuindo para a ascensão de Hitler e a sua tomada de poder em 1933. A nova organização intergovernamental, a chamada “Sociedade de Nações” ou Liga das Nações que entretanto havia sido criada a 28 de junho de 1919 (FOSDICK, Raymond B. 2020) e extinta a 20 de abril de 1946, também inspirada na ideia de Woodrow, foi incapaz de impedir as agressões territoriais do Japão, da Itália e da Alemanha na década de 1930. O início de uma segunda guerra mundial devastadora, com cerca de 15 milhões de militares mortos e cerca de 45 milhões de civis mortos e mais cerca de 50 milhões de civis mortos na China, viu o sonho de Woodrow de multilateralismo inclusivo completamente destruído (WORLDWIDE Deaths).

Hoje, o Tratado de Versalhes persiste como um estudo de caso em como consequências involuntárias podem destruir as melhores das boas intenções de um multilateralismo (RUGGIE, John Gerard. 1992).

O Mundo bipolar pós segunda Grande guerra

A Segunda Guerra Mundial significou um corte profundo nas relações internacionais. As mudanças não apenas levaram ao esmagamento do poder da Alemanha e da Itália na Europa e do Japão no Extremo Oriente, mas também ao fim da era europeia na política mundial. A divisão da Europa foi efetuada de 28 de novembro a 2 de dezembro de 1943, na Conferência de Teerã. Foi a primeira reunião de cúpula entre Winston Churchill, Joseph Stalin e Franklin D. Roosevelt onde foram estabelecidas as principais diretrizes para a política internacional do pós-guerra. Os líderes discutiram o destino da Alemanha e seu possível desmembramento, bem como a organização do mundo após a guerra (LAUFER, Jochen. 2009). A consequência dessa reunião foi a divisão do mundo em dois hemisférios de poder, criando assim um mundo bipolar com o que abriram-se as portas para a crescente influência mundial dos EUA e da União Soviética que se tornaram superpotências e que até então eram consideradas potências marginais na política internacional. Os EUA e a União Soviética substituíram assim as grandes potências europeias clássicas preenchendo o vácuo político na Europa (CVCE. EU. 2022).

Do lado ocidental, os EUA governavam com democracia e capitalismo, no leste a União Soviética dominava com o socialismo e uma economia planificada (KASIANOV, Georgy. 2018). Essa ordem mundial bipolar durou de 1945 até 1990, ano em que ocorreu o colapso e a subsequente autodissolução da União Soviética, através do término do Tratado da União de 1922 e a fundação da "Comunidade de Estados Independentes (SULLIVAN, Charles. J. 2015). Mas recorde-se que essa época bipolar foi também particularmente importante para as lutas pela independência de várias colônias europeias na África e na Ásia. Foi quando surgiram muitos dos países lusófonos em África, e a Índia, uma colônia inglesa, tornou-se independente (DECOLONIZATION of Asia).

Depois de 1990: Ascensão e declínio do Mundo unipolar sob a hegemonia dos EUA

Imediatamente após o término do conflito Leste-Oeste, todos os potenciais rivais dos EUA que almejavam um papel de liderança na política internacional, a UE, China e Rússia, estavam economicamente e/ou militarmente fracos demais para serem capazes de contrabalançar Washington. Assim começava em 1991 uma ordem mundial unipolar sob a hegemonia dos EUA, que durou sensivelmente até os inícios deste século, e que muitos eufemisticamente denominam de globalização, onde a ordem internacional liberal e a globalização evoluíram lado a lado.

Agora tudo leva a crer que o momento unipolar sob a hegemonia dos EUA está em ocaso. Desde a eclosão da crise financeira internacional em 2008, a questão de saber se os Estados Unidos estão em declínio surgiu na China e em outros países e até nos EUA, onde se acredita que esse declínio é irreversível e que o mundo está entrando em uma era pós-americana (SONGCHUAN, Chen. 2011). A mudança no ambiente internacional, o comportamento da política externa dos EUA após o 11 de setembro e os desenvolvimentos na própria América podem ter também contribuído para esse declínio (WILLIAM A. G. 2021). Mas paralelamente ocorreu um rápido desenvolvimento econômico de muitos países emergentes, com o que a vantagem do poder dos EUA foi-se reduzindo gradualmente. Assim por exemplo, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, os países que constituem o agrupamento chamado BRICS, apresentaram todos altas taxas de crescimento econômico. E embora eles também tenham sido abalados pela turbulência da crise financeira internacional em 2008/2009, conseguiram recuperar rapidamente, em contraste com a maioria das nações industrializadas. Em tempos recentes de fragilidade econômica nos países industrializados, os países do BRICS até parecem ter desempenhado um papel decisivo para a estabilização da economia mundial (SCHROOTEN, Mechthild. 2011). O aumento da prosperidade econômica permitiu também que esses países em desenvolvimento aumentassem seus orçamentos de defesa e expandissem sua influência internacional. Assim mais cedo ou mais tarde, esses

desenvolvimentos teriam minado de qualquer maneira a posição unipolar dos EUA.

Mesmo nos EUA as questões de política econômica e social no âmbito da política doméstica passaram para o centro dos debates em Washington, enquanto a política externa e de segurança tornou-se menos relevante. As longas e custosas guerras erodiram o consenso doméstico norte-americano para uma política externa ativa. Pela primeira vez em pesquisas de quase 40 anos, em 2013 a maioria (53%) dos norte-americanos diz que os Estados Unidos desempenham um papel menos importante e poderoso como líder mundial do que há uma década. A parcela que diz que os EUA são menos poderosos aumentou 12 pontos desde 2009 e mais que dobrou de apenas 20% desde 2004 (PUBLIC SEES U.S. Power Declining. 2013)

O desastre da intervenção dos EUA no Afeganistão ofereceu por outro lado à Rússia e à China uma abertura para fazer incursões estratégicas particularmente na Ásia Central. E depois, a invasão da Ucrânia pela Rússia, contribuiu para um aprofundamento da solidariedade política entre a China e a Rússia. Com essa evolução surge agora em Washington o debate se os EUA são capazes de ter, também militarmente, um papel a desempenhar nos assuntos mundiais (WYNE, Ali. 2022). Se os EUA podem manter seu atual status hegemônico é discutível. Mas, sem dúvida, continuarão sendo uma grande potência mundial (MCTAGUE, Tom. 2022).

Emergência da Nova ordem mundial

A guerra da Rússia na Ucrânia contribuiu para novos desafios à procura de uma nova ordem mundial. Trata-se sem dúvida de uma tarefa espinhosa que é substituir a ordem mundial liberal fundada, mantida e propagada a nível global pelos Estados Unidos. As fraquezas óbvias da principal potência ocidental, com seu desgaste político interno e global, e mais recentemente com a guerra no Afeganistão favoreceram a estruturação de uma nova ordem mundial. Essa fraqueza levou à perda da confiança e de autoridade dos EUA a nível global e paralelamente à aceleração da emergência da nova ordem mundial, liderada por um lado pela China e pela Rússia e de outro lado pelos EUA como representante do mundo ocidental (MEYER, Thomas.

2022). Uma aliança estratégica entre a Rússia e China parece assim bastante ameaçadora para os planejadores mundiais em Washington.

Segundo a China, observa-se a nível global uma "democratização das relações internacionais" em paralelo com a multipolaridade. A China defende que todos os países devem seguir os objetivos e princípios da Carta da ONU, do direito internacional e cumprir as normas geralmente aceites de relações internacionais (CHINA-Europa. 2008).

Defendendo a sua parceria estratégica a Rússia e a China afirmam que são potências mundiais com ricas heranças culturais e históricas, baseadas em milhares de anos de experiência em desenvolvimento e que garantem a seus povos o direito de participar de várias maneiras na governança do Estado e da vida social, de acordo com a lei (ZUM GIPFELTREFFEN Russland - China. 2022).

A força da China na Nova ordem mundial

Na história moderna da China, antes da Segunda Guerra Mundial, a identidade nacional do país esteve sempre ligada à ideia de um século de 'humilhação nacional', referindo-se à ideia de que uma sucessão de países estrangeiros que foram invadindo a China desde as Guerras do Ópio de 1830, manchando assim o nação com um passado vergonhoso (MITTER, Rana. 2021).

No início da década de 1950, logo após a criação da República Popular da China em 1949, a China era uma região agrícola e pobre. Depois seguiu-se a "Grande Revolução Cultural Proletária" nas décadas de 1950 e 1960 liderada por Mao Zedong ocorrendo um certo apaziguamento nos finais do século passado. A experiência da China mostra assim uma rápida ascensão de uma economia agrária pobre a uma potência econômica global, com quatro últimas décadas de crescimento médio anual do PIB de 9,5% com o qual conseguiu tirar mais de 700 milhões de pessoas da pobreza extrema (MORRISON, Wayne M. 2019).

Agora no âmbito de sua liderança na economia global a China entrou no processo de transformação estrutural para se tornar um líder digital global. De acordo com as previsões, a economia da China continuará a crescer

rapidamente nos próximos cinco anos: em 2027, o PIB será superior a 29 trilhões de dólares com o que deverá colocar o país quase no mesmo nível dos Estados Unidos (CHINA'S structural transformation. 2022). Tudo leva a crer que no mundo ocidental para além dos EUA, será a China uma das potências mundiais que mais influenciará o mundo lusófono.

Mas qual é a força da China no tabuleiro internacional e em particular em África onde se localizam 6 dos 9 países que integram a CPLP? E no Brasil?

China a avançar na África

Como refere SHIKWATI (2022) no seu estudo *The Clash of Systems* a crença da União Europeia na superioridade dos seus valores, especialmente no modelo democrático liberal que é exportado para África, está claramente sob ameaça da política econômica chinesa, um modelo que é classificado como bom no que respeita a tomada de decisões rápidas, eficiente na conclusão de projetos bem como na não interferência nos assuntos dos Estados africanos. Esta seja talvez uma das razões principais porque o mundo ocidental cedeu passo em relação à China nas relações com a África.

A influência da China nos países do continente africano já vem de trás e resultou dos tempos do anticolonialismo e da Guerra Fria quando a China apoiou os movimentos de independência. Já em 1956, o Egito estabeleceu relações diplomáticas com a República Popular da China. De então para cá, a China progrediu na África (SHANGWE, Muhidin. 2020).

Os fluxos anuais de IDE chinês para a África, têm aumentado constantemente desde 2003. Esses fluxos passaram de US\$ 75 milhões em 2003 para US\$ 4,2 bilhões em 2020. E atingiram o pico em 2008 com US\$ 5,5 bilhões, devido à compra de 20% das ações do Standard Bank of South Africa pelo Industrial and Commercial Bank of China (ICBC). E os fluxos excederam os dos EUA desde 2013 (CHINESE investment in Africa. 2022).

Presentemente a mais importante estrutura de diálogo e cooperação China-África deve ser o FOCAC (The Forum on China-Africa Cooperation) que tem 55 membros: a China, 53 países africanos que mantém relações diplomáticas com a China e a União Africana (UA). O sucesso dessa cooperação reflete-se bem na quota do comércio de África com a China, em

relação ao comércio externo total do continente, que tem aumentado de forma constante e em 2020 ultrapassou os 21%. O governo chinês estima que o comércio com a África chegará a US\$ 300 bilhões até 2035 (GUIJARRO, Óscar Garrido. 2022).

Na última reunião do FOCAC em agosto 2022 foi relatado que o presidente Xi Jinping havia anunciado o lançamento de nove programas de cooperação China-África e que a China continuou a fornecer ajuda militar a países do Sahel, Chifre da África e Golfo da Guiné, assim como equipamento de policiamento a países como a República Centro-Africana e a Namíbia (CHINA and Africa. 2022)

Todo este forte investimento da China em África foi turvado por acusações de que a China estava apoiando projetos de infraestrutura em países em desenvolvimento estrategicamente localizados, muitas vezes concedendo enormes empréstimos a seus governos. Como resultado, os países estão ficando presos em uma armadilha da dívida que os deixa vulneráveis à influência da China. (VERHOEVEN, Harry. 2022). Mas quanta verdade está por detrás dessas acusações? Wang Wenbin, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China criticou as autoridades e as mídias ocidentais por tentarem criar uma barreira entre a China e outras nações em desenvolvimento, divulgando alegações de uma falsa armadilha da dívida chinesa que, diz ele, são infundadas. Dados do Banco Mundial mostram, segundo Wang, que até o final de 2020 o número de credores comerciais e multilaterais representava 40% e 34%, respectivamente nas dívidas externas de 82 países de baixa e média renda, e os credores bilaterais representavam 26%, com a China respondendo por menos de 10% (CHINA'S Foreign Ministry refutes. 2022).

One Belt, One Road no Mundo Inteiro

Um dos instrumentos estratégicos mais relevantes para o avanço da China em África é a Iniciativa do Cinturão e da Rota (Belt and Road Initiative - BRI) A Iniciativa BRI é um dos principais eixos de cooperação internacional da China não só em África mas para o mundo inteiro e inclui parceiros de todos os continentes. Existe até uma Rota da Seda polar, que completa as ligações marítimas com a Europa pelo Oceano Ártico.

O BRI foi anunciado pelo presidente chinês Xi Jinping no Cazaquistão já em outubro de 2013 com a finalidade de investir em projetos de infraestrutura em outros países. Mas mais recentemente, na 76ª sessão da Assembleia Geral da ONU em setembro de 2021, o Presidente chinês propôs o programa Iniciativa de Desenvolvimento Global (Global Development Initiative – GDI) com objetivos aparentemente semelhantes aos da iniciativa BRI, mas mais alargado nos seus objetivos (PRESS STATEMENT. 2022).

Essas estratégias incentivam as empresas chinesas a investir no estrangeiro, principalmente em setores estratégicos (por exemplo na energia, telecomunicações e sistemas ferroviários), através de empresas detidas pelo Estado que beneficiam de financiamento público chinês. Desde 2013, o esforço cumulativo do BRI chegou a US\$ 932 bilhões, cerca de US\$ 561 bilhões em contratos de construção e US\$ 371 bilhões em investimentos não financeiros. O principal destinatário desses investimentos chineses foi a Arábia Saudita com cerca de US\$ 5,5 bilhões continuando o envolvimento da China nos países da BRI a superar o dos países não pertencentes à BRI (NEDOPIL, Christoph. 2022).

No último relatório de progresso “One Belt, One Road Infrastructure Development Index” divulgado em outubro de 2022, as empresas chinesas assinaram contratos no valor de 2,64 mil milhões de dólares para desenvolver infraestruturas em Angola em 2021 (ONE BELT, One Road Infrastructure. 2022). Porém, o relatório alerta que a iniciativa One Belt, One Road enfrenta desafios como escassez de fundos, custos crescentes e riscos de segurança e degradação ambiental e que no curto prazo, os danos colaterais do conflito Rússia-Ucrânia e os surtos recorrentes de Covid-19 interromperão a cooperação internacional na área de infraestrutura e atrasarão a recuperação e o desenvolvimento. O relatório assinala também que os preços crescentes das principais *commodities*, bens intermediários e transporte internacional aumentarão ainda mais os custos de construção de infraestrutura e que o ambiente global para o financiamento de infraestrutura pode continuar a se deteriorar.

China e os Países Lusófonos

A cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa desenvolve-se através do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) também denominado “Fórum Macau”. O Fórum foi criado em Outubro de 2003, por iniciativa do Governo Central da China, e é organizado pelo Ministério do Comércio da China, em colaboração com o Governo da Região Administrativa Especial de Macau em coordenação com nove países de língua portuguesa, designadamente Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Segundo o Fórum, as trocas comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa de Janeiro a Maio de 2022 foram de 83,271 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 15,8%. As importações da China dos Países de Língua Portuguesa no mesmo período foram de 55,479 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 13,31%, enquanto as exportações da China para os Países de Língua Portuguesa foram de 27,792 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 21,14%. Esses poucos dados são indicadores da relevância dos países lusófonos para a China em termos comerciais. (AS TROCAS. 2022).

Existe também um fundo de cooperação de quase mil milhões de euros criado pelo Banco de Desenvolvimento da China e pelo Fundo de Desenvolvimento Industrial e Comercial de Macau que alavancou um investimento total de mais de quatro mil milhões de dólares (3,7 mil milhões de euros) de empresas chinesas para países de língua portuguesa (PORTUGAL quer mais cooperação. 2022)

Para além disso e em termos financeiros a Associação de Bancos de Macau (ABM) decidiu recentemente criar uma aliança com os bancos dos países de língua portuguesa, com os objetivos de melhorar as ligações de Macau com a China e os países de língua portuguesa e tornar-se uma plataforma de serviços financeiros. Segundo o vice-presidente da ABM, Sam Tou, esta aliança alarga um acordo de cooperação com associações de bancos de Portugal, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, já estabelecido pela ABM em maio de 2019 (LOURIDO, Rui. 2022).

Em relação a Portugal o stock de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) da China em Portugal é o quinto maior, representando 6,8% (10,6 mil milhões de euros) do total (154,9 mil milhões de euros). Os dados do Banco de Portugal mostram ainda que o peso da China é maior no setor da eletricidade, água e gás, o que deverá estar relacionado com a posição da China Three Gorges na EDP e da Fosun na REN (VARZIM, Tiago. 2022)

China em terceiro lugar no investimento direto estrangeiro em Angola

De acordo com os dados da Agência de Investimento Privado e Promoção de Exportações (Aipex) de Angola, a China ocupa o terceiro lugar no investimento direto estrangeiro (IDE) em Angola de 2018 a 2022 (CHINA foi o terceiro maior investidor. 2022). As trocas comerciais entre a China e Angola tiveram um crescimento de 42% em 2021, em termos homólogos, atingindo 23,35 mil milhões de dólares (SEBASTIÃO, Sita. 2022).

Segundo Gon Tao embaixador de China em Angola, a China continua a ser o maior parceiro comercial e de investimento de Angola, com os principais projetos entre os dois países a decorrer sem problemas, desde o Novo Aeroporto Internacional de Luanda, Central Hidroelétrica de Caculo Cabaça, Porto de Águas Profundas de Caio, até ao Centro de Formação Tecnológica do Huambo (CHINA-Angola trade. 2022).

Em relação aos investimentos chineses em Angola o ministro da Economia e Planeamento de Angola, Mário Augusto Caetano João, salientou em recente entrevista que a diversificação económica, principalmente do setor petrolífero para o desenvolvimento de setores não petrolíferos, tem sido um dos principais objetivos do país nos últimos cinco anos (Interview: Angola welcomes. 2022). Angola tem até 60 milhões de hectares de terras aráveis, quase metade das terras aráveis da China, e uma baixa densidade populacional, de cerca de 30 pessoas por quilómetro quadrado. "Portanto, temos muitas terras onde gostaríamos de convidar investidores chineses para cultivar produtos chineses e exportar para a China" afirma também o ministro. (MINISTRO angolano quer mais chineses. 2022).

Investimento da China no Brasil em setores-chave

O início de 2022 foi auspicioso para as relações China-Brasil. Em 23 de maio os dois países concordaram em aumentar a cooperação em vários setores, incluindo comércio de produtos agrícolas, investimentos de baixo carbono e tecnologia limpa, bem como economia digital. Foram dois documentos muito importantes: o plano estratégico China-Brasil 2022-2031 e o plano de implementação China-Brasil 2022-2026 (China, Brazil to boost investment. 2022). Mas a China busca principalmente a segurança alimentar e a autossuficiência. Em 2021, o Brasil exportou para a China US\$ 41 bilhões, ou 34% em vendas externas no agro. Assim o Brasil é o maior fornecedor de produtos do agronegócio para a China, responsável por aproximadamente 20% de tudo o que o país asiático importa. Diante deste cenário, fica claro que o imenso mercado asiático, apesar da sua elevada produção, continua importando para garantir a segurança alimentar (CORDEIRO, Tiago. 2022) (JACINTHO, Helen. 2022).

Aproximadamente 40% das empresas chinesas têm negócios com o Brasil principalmente nos setores agrícola, florestal, pecuário e pesqueiro. Mas a parceria Brasil-China vai envolver também a construção de sistemas de Internet de alta velocidade, e a implementação da quinta e da sexta geração das redes móveis 5G e 6G, entre outros e também no desenvolvimento conjunto de estruturas de IA (Inteligência Artificial). De salientar que a IA desempenhará um papel cada vez mais importante no futuro da digitalização na resolução de desafios globais, como são a saúde, o clima, a agricultura ou a cibersegurança (YUSHU, Liu. 2022).

Como a China se tornou uma das principais fontes de investimento estrangeiro no Brasil, investindo US\$ 110 bilhões no país entre 2007-2020, chegando assim a rivalizar com os Estados Unidos como fonte de investimento estrangeiro direto, foi percepção em alguns círculos do poder civil e militar brasileiro, de que a China era uma alternativa atraente para contrabalançar a influência americana no mundo. Mas logo que notaram que a China se havia tornado o principal parceiro comercial do Brasil, com o investimento da China em setores-chave e controle estratégico em áreas de

recursos naturais e abastecimento de alimentos, os militares brasileiros alarmaram-se preocupados (CASARINI, Nicola. 2022).

Em 2021, as empresas chinesas investiram US\$ 5,9 bilhões no Brasil. Segundo o Conselho Empresarial Brasil-China, a cifra é a maior registrada desde 2017 sendo 208% superior à registrada em 2020, quando os negócios globais e as aplicações chinesas em particular foram afetadas pelas consequências da pandemia da Covid-19. Os dados constam do estudo que o conselho divulgou. O documento indica que, mesmo em um contexto de instabilidade global, as companhias chinesas implementaram 28 grandes projetos empresariais em território brasileiro, retomando o ritmo de crescimento iniciado em 2016 e interrompido em 2019 (RODRIGUES, Alex. 2022).

Rússia: depois do revés a ofensiva africana e no Brasil

Com o desmembramento da União Soviética a Rússia sofreu um forte revés nas suas relações com a África e com os países lusófonos. Mas nos últimos anos conseguiu ampliar lentamente os seus laços políticos, econômicos e, acima de tudo, seus laços militares com vários países africanos, aproveitando da sua grande vantagem histórica, quando na época da descolonização, a partir da década de 1950, apoiou os movimentos anticoloniais na África ajudando na sua independência.

Ponto de partida para a reentrada em África foi a chamada “ofensiva de charme” em outubro de 2019. O evento foi o primeiro desse tipo na história das relações de Moscou com a África. Os chefes de Estado e de governo de quase todos os Estados africanos participaram na Cimeira da África em Sochi: 45 chefes de Estado de 54 países. Nessa Cimeira foi adotada uma declaração final, que estabelece metas e objetivos para o maior desenvolvimento da cooperação russo-africana nas áreas de política, segurança e economia, bem como nos domínios científico, técnico, cultural e humanitário. O fortalecimento dos laços com os países africanos é uma das prioridades da política externa russa disse então o presidente russo Vladimir Putin (RUSSIA-Africa Summit. 2019). Como resultado dessa Cimeira os Estados africanos votariam a favor da Rússia nas Nações Unidas sempre que

possível e os EUA não eram mais vistos como confiáveis. Ao contrário do Ocidente, Moscou não tentou ensinar aos africanos lições sobre democracia e direitos humanos, mas tratou de negócio. Por meio desse modelo, a Rússia conseguiu avançar nos seus objetivos com recursos financeiros e políticos limitados. Dessa maneira espera-se que Moscou continue a expandir sua influência no continente em 2022 (ABUSHARAF, Rogaia et al. 2022).

Quando, em 2 de março de 2022, uma resolução foi colocada em votação na Assembleia Geral das Nações Unidas pedindo a retirada imediata, completa e incondicional das tropas russas da Ucrânia, 144 países dos 193 membros da ONU votaram a favor, mas entre os 49 países que se abstiveram ou não votaram 25 Estados foram africanos, tendo a Eritreia mesmo votado contra. Ao nível diplomático e político, o envolvimento da Rússia na África parece ter valido a pena (ADEOYE, A. 2022).

Entretanto a Rússia assinou acordos militares com mais de 20 países africanos com o que Moscou fornecia armas e em troca os países africanos forneciam às empresas russas matérias-primas.

Embora a Rússia não esteja entre os maiores parceiros comerciais da África, sua presença não pode ser subestimada. Em 2020, o comércio da Rússia com os países africanos totalizou mais de US\$ 14 bilhões (CARVALHO, Gustavo de. 2022).

Um importante trunfo económico da Rússia é que o país detém 70-75% das reservas mundiais de gás natural 17-18% das reservas mundiais de petróleo, mais de 40% das reservas mundiais de níquel e até 30% das reservas mundiais de carvão e mais de 10% do urânio do mundo (SITENKO, A. 2020).

As empresas russas de petróleo e gás, como Rosneft e Gazprom, estão ativas no setor de petróleo e gás no Egito, Líbia, Argélia, Nigéria, Gana, Camarões e Moçambique. Empresas mineiras russas extraem diamantes em Angola, platina no Zimbabué e empresas russas estão envolvidas na mineração de ouro no Sudão. A produtora de alumínio Russia possui minas na Guiné, que possui as maiores jazidas de bauxita da África (PSENNER, M. 2022). E para os países de África muito mais importante do que tudo isso é que a Rússia é um grande exportador de grãos e fertilizantes (UN HAD ‘constructive’ talks. 2022).

A nova doutrina de política externa da Rússia apresentada em setembro de 2022 pelo presidente Vladimir Putin baseia-se no conceito de “Mundo Russo”, mas inclui uma espécie de estratégia de poder brando onde consagra ideias políticas oficiais em torno da política e religião russas mas onde Putin também afirma fortalecer ainda mais seus laços com o Oriente Médio, América Latina e África (PUTIN approves new foreign policy. 2022).

A reorientação da política externa da Rússia está a basear-se em antigos parceiros como Egito e Etiópia e alavanca fóruns multilaterais como a ASEAN, a Liga Árabe, a União Africana e as Nações Unidas. As viagens em julho de 2022 do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov na África e Ásia revelam que a Rússia tem parceiros, senão amigos, em diferentes partes do mundo. (ASHBY, H. Mutah J. 2022)

Paralelamente a Rússia está tomando passos cautelosos em direção ao Sul Global, aspirando a revitalizar antigos laços com África e Estados latino-americanos em busca de uma ordem mundial multipolar e relações económicas mutuamente benéficas (BAKALOVA, E.; SPANGER, H.-J. 2013).

Com tudo isso a Rússia busca um mundo multipolar no qual a Rússia pretende ser uma grande potência (CRABTREE, L.).

Rússia, ênfase em Angola na dimensão militar e econômica

Angola mantém laços estreitos com a Rússia desde os tempos soviéticos. Durante a guerra civil em Angola, que começou pouco depois da independência de Angola em 1975 e durou até o ano de 2002, a facção de guerrilha denominada Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi apoiada e armada pela União Soviética. Assim o MPLA chegou ao poder em 2002 e permanece até hoje como partido no poder em Angola, com o que o cordão umbilical que liga Angola a Moscovo nunca foi cortado (THE ANGOLAN Civil War).

É bom recordar que o atual presidente de Angola João Lourenço viajou já em 1978 para a União Soviética, onde completou um curso de história para quadros do partido na Academia Militar Vladimir Ilyich Lenin. Também muitos generais angolanos ainda falam russo, porque foram treinados pelo exército soviético há muitos anos (CASCAIS, António. 2017).

Depois de um período de dormência na década de 1990 o relacionamento entre a Rússia e Angola começou a reavivar na última década mas agora com uma clara ênfase na dimensão militar e econômica. Em 2020, Angola já era o quarto maior recetor de armas russas na África (KONDRATENKO, Tatiana. 2020). No âmbito de cooperação militar com a Rússia, Angola anunciou também a fabricação completa de equipamentos militares russos para o mercado da África Austral e possivelmente outras regiões da África (KLOMEGAH, Kester Kenn. 2019).

Em termos económicos e financeiros a Rússia também não descarta Angola. O segundo maior banco da Rússia, o VTB, abriu uma subsidiária em Angola, e o Banco VTB África SA., cobre a maioria dos investimentos russos em Angola. Outros importantes bancos russos como os bancos Promsvyazbank, Gazprombank ou Eximbank estão também estudando a entrada no mercado financeiro africano (ZAVYALOVA, Kira. 2017).

Não é incomum em África que a Rússia receba concessões de mineração ou vantagens geoestratégicas, em troca de entregas de armas o que é também o caso de Angola. Nesse contexto são particularmente interessantes as minas de diamantes de Catoca, em Angola, nas quais a gigante russa de mineração Alrosa detém uma participação de 41%. Juntamente com suas minas de diamantes russas, a Alrosa extrai mais da metade das reservas de diamantes do mundo (SCHLINDWEIN, Simone. 2022). De salientar aqui que a Sociedade Mineira de Catoca é constituída pela Endiama (Angola) com 41%, Alrosa (Rússia), com 41% e a Lev Leviev International – LLI (China) com 18%. Catoca é a quarta maior mina do mundo explorada a céu aberto e a maior empresa no sector diamantífero em Angola, operando desde 1996 (SANÇÕES contra Alrosa. 2022).

Rússia no Brasil, relevante para o setor do agronegócio

Tanto do ponto de vista histórico quanto geopolítico, Rússia e Brasil não são parceiros tradicionais. Cada um dos dois Estados sempre priorizou as relações com outros Estados de acordo com seus próprios interesses, principalmente os de natureza regional (XAVIER, Aurobindo, 2021).

No período pós-Guerra Fria, tanto a Rússia quanto o Brasil compartilharam um interesse comum em desafiar a hegemonia dos EUA, por meio de parcerias estratégicas e multipolaridade global (IONESCU, Imanuela, 2018). E desde então a Rússia tornou-se um parceiro estratégico multilateral do Brasil nas Nações Unidas, G20 e BRICS.

Embora a Rússia não seja um grande parceiro comercial do Brasil, ela é particularmente relevante para o setor do agronegócio já que o Brasil é dependente dos fertilizantes russos. Do total das importações brasileiras desse produto, 25% são provenientes da Rússia (ZNOJEK, Bartłomiej et al. 2022).

Levando em considerando essas relações comerciais, essências para a sua economia, o Brasil optou por se colocar numa posição neutra no contexto da invasão russa na Ucrânia. Embora o Brasil tenha votado em fevereiro deste ano no Conselho de Segurança da ONU condenando a invasão russa absteve-se de votar a suspensão da Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU, (UNHRC) (ZILLA, Claudia. 2022). A recompensa dessa atitude não se fez esperar e a Rússia quase dobrou o valor de suas exportações para o Brasil no primeiro semestre de 2022. Isso apesar das sanções comerciais, financeiras e diplomáticas impostas à Rússia. Entre janeiro e julho de 2021, o Brasil importou o equivalente a US\$ 2,6 bilhões da Rússia. E nos primeiros sete meses de 2022, o valor subiu para US\$ 5,1 bilhões. As vendas do Brasil para a Rússia também aumentaram, particularmente os embarques de soja e açúcar, mas o valor foi modesto, de US\$ 843 milhões em 2021 para US\$ 1,1 bilhão este ano. O Brasil prevê que o fluxo comercial com a Rússia continuará em ritmo acelerado. O fato é que as importações da Rússia aumentaram 127% entre julho de 2021 e julho de 2022, um dos aumentos mais significativos entre os principais parceiros comerciais do Brasil. Da mesma forma, o Brasil recebeu licença do governo russo para começar a importar diesel também, uma medida clara que visa ajudar a reduzir os preços dos combustíveis no país (RUSSIA almost doubles exports. 2022).

Mas existem também outros negócios. O grupo petrolífero estatal russo NK Rosneft' AOA que detém 51 por cento da HRT O&G, empresa brasileira que possui três blocos de exploração de petróleo e gás na Bacia do Solimões na selva amazônica do Brasil, assinou em 2014 um protocolo de

intenções com a estatal brasileira Petróleo Brasileiro SA (ROSNEFT, Petrobras sign. 2014).

Mais recentemente, em fevereiro de 2022, o Presidente da Rússia Vladimir Putin salientou nas suas declarações à imprensa, após um encontro com o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro, que a empresa russa Rosatom exportadora de combustível para usinas nucleares brasileiras e radioisótopos para fins médicos teria também interesse em participar na construção de usinas nucleares de baixa capacidade, tanto terrestres quanto flutuantes, já que a Rússia dispõe nessa área de experiência e tecnologia única a nível mundial (FOLLOWING Russian-Brazilian talks. 2022).

A União Europeia, alarmada com o avanço da Rússia nos países da América Latina, região tradicionalmente ligada em termos políticos e econômicos ao Ocidente, está a preparar uma contraofensiva diplomática e comercial para tentar reafirmar as suas posições na área, segundo um documento enviado aos chanceleres da UE, a que o diário espanhol EL PAÍS teve acesso. O texto alerta que a Europa recuou em muitos dos 33 países que compõem a região, enquanto os interesses econômicos e a influência política da Rússia ganharam uma posição mais forte (MIGUEL, Bernardo. 2022).

Lusofonia, CPLP e a nova ordem mundial

Dos capítulos que enunciámos até agora pode-se inferir o seguinte:

- A guerra da Rússia na Ucrânia mudará fundamentalmente a situação mundial porque a China, a Rússia e outros países entendem que o conflito atual não é sobre a Ucrânia versus Rússia, mas mais entre os EUA e a Rússia sobre uma nova ordem mundial emergente.

- Os líderes em Pequim e Moscovo veem os Estados Unidos, a democracia e o capitalismo liberal ocidental como uma ameaça ao seu próprio governo. E conseqüentemente está a emergir uma ordem mundial alternativa liderada pela China e pela Rússia. A China será o ator dominante nesta parceria entre Moscovo e Pequim.

- O apoio direto ou indireto da China, Índia, Brasil e África do Sul à guerra da Rússia na Ucrânia anuncia uma mudança na política

internacional que se verifica há anos e também deve ser vista como um prenúncio de uma nova ordem econômica mundial.

- A cúpula do G7 em Elmau, na Alemanha em Junho de 2022, e a cúpula da OTAN em Madrid, na Espanha pouco depois, foram praticamente inúteis em termos de fornecer soluções reais para crises globais como a guerra na Ucrânia, a fome iminente em alguns países, as mudanças climáticas e outras. Esses dois eventos foram um exemplo gritante da impotência do Ocidente em gerir os problemas globais. Com o que tudo leva a crer que a China será protagonista de uma nova ordem mundial (MAIHOLD, Günther. 2022).

Partindo das observações básicas sobre a nova ordem mundial emergente e dos seus principais intervenientes aborda-se a seguir o enquadramento possível da lusofonia e da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) na nova ordem mundial e as oportunidades e desafios no contexto das relações internacionais da CPLP na política global.

Evolução dos Países Lusófonos e a CPLP

Os países da CPLP que saíram há relativamente pouco tempo de confrontos sangrentos, como em Angola e Moçambique, começaram a dar em convivência pacífica os seus primeiros passos como países independentes.

Porém as consequências da crise financeira de 2008-2009 afetaram profundamente os países em desenvolvimento inclusivamente os países lusófonos. Com o que as dívidas de muitos países aumentaram dramaticamente, as reservas esgotaram-se e o crescimento económico diminuiu. Para resolver esses problemas o FMI e o Banco Mundial concederam vultuosos empréstimos, como por exemplo a Angola, mas em contrapartida foi-lhes imposta uma política neoliberal baseada em dogmas do chamado Consenso de Washington – liberalização máxima do mercado, papel mínimo do Estado e cortes na despesa para restaurar as finanças do governo. Mas essas ajudas externas também em muito contribuíram para uma redução da capacidade e da autonomia das decisões políticas dos governos dos respetivos países (KANIAKI, Henrique. 2022). (SISTEMA financeiro justo).

Ainda no processo de recuperação da crise financeira de 2008-2009 os países lusófonos viram-se confrontados com a crise da pandemia seguida da guerra na Ucrânia, crises que atualmente abalam o mundo inteiro.

Agora, mais de 25 anos depois da Declaração Constitutiva da CPLP, aprovada em 1996, que força representa a CPLP para enfrentar essas crises e ao mesmo tempo criar uma dinâmica para se adaptar à nova ordem mundial? (DECLARAÇÃO constitutiva da CPLP).

Os nove países da CPLP, com cerca de 200 milhões de falantes de língua Portuguesa, tinham em 2020 um PIB de cerca de 1,8 bilhões de dólares (PAÍSES juntos da CPLP. 2021). Apesar de o valor total desse PIB equivalha apenas ao da Itália, representa alguma força política e económica a nível global já que inclui o Brasil que voltou a integrar o top 10 das maiores economias do mundo em março de 2022 (FERRARI, H. 2022). Mesmo com essa relativa importância do PIB, a CPLP pouca ou nenhuma importância tem a nível da política das relações externas para ser um *player* global.

Na defesa militar a CPLP resume-se praticamente ao fórum de formação em assuntos de Defesa e pouco mais, como se depreende da Declaração de Malibu aprovada pelos seus ministros da Defesa (XVIII REUNIÃO de Ministros da Defesa. 2017) e a nível da política internacional a CPLP distingue entre acordos intra-CPLP que não relevam para as relações externas da CPLP que estamos a tratar aqui e os acordos internacionais (ACORDOS, protocolos e convénios da CPLP).

Os acordos existentes entre a CPLP e organizações internacionais realçam um aspeto mais formal da atividade política internacional da CPLP mas praticamente sem relevância a nível da política global nas relações externas, já que esses acordos não obrigam os Estados- membros, dando sempre preferência aos acordos internacionais dos seus Estados-membros. É o caso por exemplo do acordo da CPLP com a Organização para a Agricultura e Alimentação - FAO das Nações Unidas onde a CPLP está apenas representada na qualidade de observador. Ou o acordo com a Organização para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO onde se diz explicitamente que o mesmo não substitui a relação entre os Estados- membros e a UNESCO. Acordos políticos internacionais, irrelevantes para a política externa global da CPLP, são por exemplo o acordo com a União Latina ou acordo de Cooperação entre o

Secretariado Executivo da CPLP e a Unidade Portuguesa da Rádio Nações Unidas ou ainda o Acordo de Cooperação com a Ordem Soberana Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta.

Assim verifica-se que a CPLP com a sua atual estrutura política e a declaração constitutiva não tem relevância como atuante e representante da Lusofonia na política externa a nível global.

CPLP com plataformas internacionais

A ideia de alinhamento político da CPLP na nova ordem mundial emergente pressupõe naturalmente que primeiro se discuta a possibilidade de a CPLP se tornar uma entidade internacional, transnacional ou supranacional, discussão que obviamente não é a finalidade deste artigo. Aqui sugerimos apenas que a lusofonia, para se tornar eficiente por via da CPLP no novo ordenamento político mundial, precisa de agir nas relações internacionais à base de um novo ordenamento jurídico próprio respeitando as identidades nacionais e a cultura nacional dos seus Estados-membros.

A CPLP não mostra também poder político nas relações internacionais. Em termos de poder político nas relações internacionais, estabeleceu-se a distinção entre *hard power* e *soft power*. O *hard power* manifesta-se no uso da coerção militar e econômica para influenciar o comportamento dos outros o que naturalmente deveria estar fora de meta da CPLP. Mais consentâneo com o eventual futuro relacionamento da CPLP a nível global seria o *soft power* a capacidade de moldar as preferências dos outros, através da atratividade do próprio modelo, intercâmbio cultural, formação de alianças, diplomacia pública, estabelecimento de agendas, normas e regras. Mas não são apenas os meios que estruturam as relações de poder global, também a vontade de usá-los (PERTHES, Volker & MAIR, Stefan. 2011).

Quais poderiam ser as plataformas a nível global onde a CPLP poderia atuar em benefício da lusofonia?

Como vimos anteriormente organizações onde pontificam a China e Rússia e que incluem também um ou mais países da lusofonia, estariam predestinados a servirem de âncoras para a CPLP agir como uma instituição de

lusofonia a nível global e criar mais oportunidades para os seus Estado-membro. Refiramos essas organizações.

A Força do BRICS

O BRICS, fundado em 2009 por Brasil, Rússia, Índia, China e alargado em 2010 com a África do Sul, tornou-se presentemente, particularmente devido aos esforços da China e da Índia, um dos eixos fundamentais da sustentação da política global. A Índia, por exemplo, tornou-se um gigante político devido também às hábeis manobras políticas no subcontinente indiano (XAVIER, Constantino H. 2016).

As duas nações mais populosas do globo, a China e Índia, além do Brasil e da África do Sul, são decisivas para que o clube do BRICS forme um contraponto mais claro do que sempre às potências ocidentais dado que o centro gravitacional do mundo não é mais formado pela Europa e pelo Atlântico, mas pelo BRICS e seus simpatizantes. A maioria da população mundial (41%) vive lá e um quarto do produto social global é gerado lá (KAPPEL, R. 2022).

Quando os países do BRICS se reuniram em modo virtual para a 14ª Cúpula este ano em 23 de Junho, sob a presidência de turno da China, o líder chinês Xi Jinping reiterou seu desejo de expandir o BRICS para incluir mais países. Assim o Irã e a Argentina já se candidataram para ingressar no BRICS, e a Arábia Saudita, Turquia e Egito desejam uma adesão oficial ao grupo (MORE COUNTRIES knocking on BRICS'. 2022).

Fortemente baseado no discurso chinês, o BRICS vai também tornar-se a plataforma central do diálogo Sul-Sul e para além disso o presidente da China, Xi, vai concentrar-se por via do BRICS nos Estados-membros do G20, do Sul Global e especialmente em África. Como muitos países do Sul Global temem que terão que arcar com os custos da guerra na Ucrânia por meio de taxas de juros crescentes, aumentos de preços de alimentos e distorções nos mercados internacionais de *commodities* querem evitar a todo o custo o protecionismo e a política de sanções do Ocidente e esperam uma melhor e maior segurança na rede BRICS (MAIHOLD, Günther. 2022).

Em paralelo o BRICS está a colaborar, como instituição ou por via de seus membros mais importantes, com organizações mundiais ou blocos regionais relevantes tais como a Organização de Cooperação de Xangai (Shanghai Cooperation Organisation - SCO), a União Econômica da Eurásia, a União Aduaneira da África do Sul, a Associação Sul-Asiática para Cooperação Regional, a União Africana, ou o Mercosul, em um diálogo mais amplo do BRICS. Em particular o avanço do BRICS+ na integração econômica Sul-Sul, com assinatura de acordos importantes de comércio/investimento, contribuirá na construção de uma plataforma abrangente de cooperação econômica Sul-Sul, o que certamente beneficiaria a CPLP e os seus Estados-membros (LISSOVOLIK, Yaroslav. 2022).

Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) para estabilidade financeira

Um dos instrumentos financeiros mais relevantes para a estabilidade financeira na nova ordem mundial é o Novo Banco de Desenvolvimento (New Development Bank - NDB) fundado pelo BRICS em 2014. Depois que o Fundo Monetário Internacional de Bretton Woods e o Banco Mundial começaram a apresentar exigências políticas ao conceder empréstimos aos países do Sul Global, os países do BRICS, não concordando com essa prática criaram o NDB, que entretanto já tem nove membros, Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Bangladesh, Emirados Árabes Unidos, Egito e Uruguai. Para além da expansão geográfica tudo leva a crer, segundo analistas, que até 2026 o Banco expandirá o seu pacote total de empréstimos aprovados para US\$ 60 bilhões (CHIRKOV, M. & KAZELKO, A. 2022).

O Banco, que vai montar um escritório regional na Índia, aprovou até agora 21 projetos indianos envolvendo um financiamento de US\$ 7,1 bilhões e assinou mais de 80 projetos nos cinco países membros originais. O valor desses últimos projetos ultrapassa US\$ 30 bilhões e envolve setores de transporte, água e saneamento, energia limpa e infraestrutura digital e social (BRICS-led New Development bank. 2022). Para o Brasil o BRICS aprovou muito recentemente projetos de infraestrutura no valor US\$ 140 milhões e um empréstimo de US\$ 90 milhões por via da Desenvolve SP - Agencia de

Fomento do Estado de São Paulo S.A. (DSP) (NEW DEVELOPMENT Bank approves. 2022).

Em termos financeiros e políticos os países do BRICS querem agora avançar criando sua própria moeda de reserva, tomando como modelo os direitos especiais de saque do Fundo Monetário Internacional. Mas a intenção política desse passo é também diminuir a influência geopolítica e a hegemonia dos EUA no FMI. Isso permitiria que o BRICS criasse a sua própria esfera de influência e uma entidade monetária própria (TURNER. Chris. 2022).

Como consequência dessas decisões políticas as moedas combinadas do Brics poderiam eventualmente deixar de lado o dólar americano como a moeda dominante no mundo. Em seu recente discurso no Fórum Econômico Oriental de 2022 (Eastern Economic Forum- EEF) o presidente russo, Vladimir Putin salientou também que se está a afastar do uso do dólar (PUTIN: Rússia moving away. 2022)

Mas apesar de todas estas vantagens do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), sejamos realistas. Mesmo que a economia da China ultrapassasse a dos EUA na próxima década e a China fortaleça a sua aliança com a Rússia, os dois juntos não chegarão de perto a igualar o poder econômico combinado dos EUA, Europa e Japão. Além disso, os EUA e a UE têm algumas vantagens sobre a China e a Rússia no que respeita a liderança tecnológica (KAPPEL, R. 2022).

Portugal e Brasil no Diálogo CPLP - BRICS

Os governos do Brasil e de Portugal já reconheceram em alguns dos seus discursos a importância de se iniciar uma cooperação da CPLP com o BRICS. Assim o Brasil está aberto a discutir com a CPLP possibilidades de cooperação estruturada em várias frentes de atuação, com destaque para Angola e Moçambique, disse Nedilson Jorge, embaixador do Brasil na África do Sul em 2019 (BRASIL quer alargar BRICS. 2018).

E mais recentemente, em junho de 2022 na 14ª Cúpula do BRICS, o ex-Presidente do Brasil Jair Bolsonaro enfatizou a importância que o Brasil atribui ao BRICS como foro de diálogo e cooperação, que reforça a relevância do multilateralismo e de uma ordem internacional mais justa e inclusiva.

Reiterou ainda a visão do Brasil de que o BRICS deve orientar sua parceria para o desenvolvimento sustentável e por resultados concretos que gerem benefícios para todos (XIV CÚPULA do BRICS. 2022).

Pelo lado português António Costa, primeiro-ministro de Portugal, congratulou-se com a disponibilidade da parte chinesa para, num futuro breve, se poder abrir uma cooperação no espaço lusófono, garantindo a inteira disponibilidade do Governo português para desenvolver projetos de cooperação triangular em outras regiões. O primeiro-ministro português falava na cerimónia de abertura da 5ª Conferência Ministerial do Fórum Macau para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os países de língua oficial portuguesa, realizada em 2016, sessão que foi presidida pelo primeiro-ministro chinês, Li Keqiang (COSTA, A. 2022).

CPLP e Lusofonia, a vontade de ser grande

É verdade que os países membros da CPLP situam-se em regiões geográficas muito diferentes. É verdade que isso tem a vantagem de troca de experiências sobre processos em curso em diferentes organizações internacionais. Mas na política global, onde se encontra em formação um mundo multipolar, apenas a projeção de uma instituição como ator geopolítico poderá trazer vantagens políticas. Para isso a CPLP terá que ser um ator geopolítico.

Uma questão relevante é também se a CPLP tem legitimidade para se tornar grande, ou seja, para fazer fluir sua força económica e institucional em uma nova ordem política mundial. Achamos que os cidadãos lusófonos ficam sem uma resposta clara nesta questão existencial da CPLP. Antes pelo contrário a agenda estratégica para a consolidação da cooperação económica na CPLP 2022-2027 revela bem como a CPLP tem pouca vontade de estruturar o seu poder como bloco político homogéneo a nível global, concentrando-se na promoção dos seus Estados-membros. Nessa estratégia afirma-se que “o potencial geopolítico da CPLP, enquanto plataforma diplomática, cultural e económica, resulta da afirmação crescente dos Estados-membros na arena internacional” (Agenda estratégica).

Paralelamente temos que aceitar que o Estado-nação lusófono tornou-se muito pequeno nas tarefas globalizadas multipolares. A continuação do pequeno-pequeno e a recusa cultivada da estratégia a nível global são a última coisa que a CPLP precisa e deve incorporar. A CPLP tem que se tornar forte e grande e tem potencial para se tornar força a nível mundial desde que a CPLP se organize como uma comunidade estratégica e tenha uma forte identidade coletiva.

Os tempos mudaram. Rússia, China, Índia, juntamente com muitos outros países da Ásia, Oriente Médio, África e América do Sul estão navegando em todos os espaços disponíveis. É uma luta global, talvez a mais importante desde a Segunda Guerra Mundial. Estão surgindo novos atores a nível global como a China, a Rússia e a Índia, que pretendem estruturar uma nova ordem mundial pelo que é tempo de a CPLP implementar o seu foco na ação externa.

A breve prazo, a Lusofonia pode desaparecer da política global se não despertar com brevidade para os desafios de um mundo multipolar. Acreditamos que a atual crise política mundial acompanhada de emergência de novos eixos de poder mundial pode constituir uma oportunidade para a CPLP forjar uma relação externa, para ser mais autoconfiante e assertiva falando com uma voz fortalecida no cenário mundial e desempenhar um papel na consolidação e determinação da lusofonia na nova ordem mundial do século XXI. Uma nova ordem mundial é iminente e a CPLP pode e deve aproveitar a oportunidade e todo o seu poder para fazer uma espécie de *re-branding* da lusofonia para marcar um raro momento histórico.

Devemos lembrar que atividades solitárias e individuais dos países lusófonos impedem uma ação eficaz para abordar questões apenas solúveis por via de uma organização estruturada a nível global como poderia ser a CPLP. Cada desafio exigirá uma unidade genuína, entre os que defendem a lusofonia sob a liderança estratégica da CPLP, na ação da política externa e governos dos Estados-membros trabalhando juntos de forma integrada.

Por isso a questão aqui é até que ponto esses Estados individuais da CPLP, e alguns deles obviamente influentes como o Brasil ou Portugal, e cada um com seus próprios interesses políticos, podem unir-se e buscar numa política externa comum na CPLP. Já que os Estados-membros da CPLP parecem estar cada vez mais à vontade com a adoção de posições atípicas, e até

alheias ao poder lusófono, achamos que em vez de se esperar que todos os países lusófonos tenham uma perceção comum do poder lusófono e desenvolvam as capacidades para implementar uma política externa conjunta de lusofonia global, a CPLP deve assumir a liderança no reforço da ação externa da lusofonia, mobilizando antes de mais os seus instrumentos de soft power.

No mundo cada vez mais imprevisível que estamos tentando navegar, uma boa liderança é imprescindível. A CPLP é grande demais para ficar sem a cultura de liderança, sem estratégia e sem uma forte identidade coletiva. Os seus 200 milhões de habitantes esperam que esta força mundial seja urgentemente libertada da sua desorientação na forma da estruturação da política externa.

A CPLP precisa ter um documento com uma estratégia para se caracterizar como uma potência e um concorrente económico, bem como um parceiro de negociação e cooperação a nível global. A nossa identidade lusófona tem que se tornar forte o suficiente para ativar nosso poder integrado de autoafirmação em uma situação geoestratégica cada vez mais tensa. Temos que ter influência nos assuntos globais para podermos também superar com rapidez quaisquer crises de natureza económica ou de política global.

Infelizmente temos que dizer que presentemente a CPLP a nível global nada mais é do que um anão político, uma construção meramente de natureza linguística que representa unicamente uma soma de vontades individuais dos seus Estados-membros, cada um deles com a sua política de relações exteriores e sua política económica. Atualmente a lusofonia não tem de facto as características de um *player* global e sequer uma determinação necessária para transformar a CPLP numa unidade política forte.

A CPLP tem que ter ideias próprias sobre a conceção de uma política externa comum, que ultrapassem os exclusivos benefícios económicos e financeiros dos seus Estados-membros e onde certos poderes de decisão de uma política externa comum não caibam em última análise, aos Estados-membros. Portanto os Estado Membros da CPLP tem que promover um bem comum na política externa, potenciando o poder geopolítico da CPLP.

Fórmulas de evocação de pathos e heróis nacionais, como Dos Santos ou Savimbi em Angola, Mondlane ou Dhlakama em Moçambique e Amílcar

Cabral em Cabo Verde e Guiné-Bissau, não funcionam tão bem como costumavam, e quase se vão tornando obsoletas num mundo cada vez mais globalizado e multipolarizado.

O poder lusófono necessita por isso urgentemente de um plano estratégico desenvolvido em um momento de crise global, de grandes incertezas e vulnerabilidades aumentadas. Mas sublinhamos que este também é um momento de oportunidade. Esse plano estratégico, e a teoria da mudança por trás dele, poderiam expandir e mobilizar parcerias e fazer uma diferença real para os cidadãos lusófonos na construção de um futuro poder lusófono sólido.

Para se definir uma estratégia de política externa e para se articular e traduzir a força lusófona numa abordagem mais integrada, com o intuito de fortalecer a CPLP, nada melhor do que criar antes de mais uma Comissão de Estratégia. Essa comissão poderia aumentar a preparação e a eficácia na prestação de apoio para alcançar essa tal força lusófona e acelerar o pensamento estratégico sobre os desafios e oportunidades globais. E também discutir como as ações da CPLP junto com ampla gama de parceiros nos níveis nacional, regional e global poderiam levar a um impacto de longo prazo.

O despertar geopolítico da CPLP não vai surgir do nada. Apenas como uma unidade pode adaptar com eficiência sua abordagem a um mundo cada vez mais caracterizado pela competição entre as grandes potências. A CPLP precisa por isso discutir com urgência o termo autonomia estratégica, que está associado à exigência de que a CPLP faça valer com sua nova autoconfiança na política externa, seus interesses por conta própria e independentemente. Tendo em vista a multipolarização progressiva, é a nosso ver indispensável que os Estados-membros da CPLP atuem como uma unidade no cenário da política externa. O que isso significa para a representação dos interesses da CPLP como um certo poder global é óbvio: os interesses especiais de Estados-membros individuais têm que se submeter a uma vontade transnacional única da CPLP. E esta deve falar de uma só voz para influenciar até certo ponto os pesos-pesados políticos como são os EUA, Rússia, China e Índia.

O que falta a nosso ver é esse plano estratégico, que defina a agenda da lusofonia para o futuro, uma visão estratégica da lusofonia em termos da sua contribuição para mudanças transformadoras e estruturais nos níveis global,

regional e nacional. A CPLP deve desenvolver estratégias reais para o futuro e isso requer esforços intelectuais e político- culturais, e precisa de metas, perspectivas e orientação. A CPLP tem um certo peso econômico no mundo, mas não faz jus a isso na geopolítica. O que talvez falte é disciplinar a responsabilidade dos seus Estados-membros por algo maior do que seus próprios interesses nacionais.

Em princípio a CPLP deveria almejar criar uma plataforma para manter uma estrutura cooperativa com o BRICS. Com isso a CPLP conseguiria ser uma espécie de aliado júnior do BRICS. Por via dessa plataforma conseguiria canais mais próximos e eficazes entre recursos e mercados, o que beneficiaria todos os membros da CPLP. Embora a maioria dos países membros da CPLP tenham interesses políticos mais ou menos divergentes, todos eles ganhariam um espaço adicional para manobras políticas e diplomáticas, em termos de uma abordagem nos desafios globais de segurança alimentar, com um maior acesso ao mercado e um maior e significativo apoio financeiro do Novo Banco de Desenvolvimento. E o BRICS tem também suborganizações tais como o BRICS Business Council e a BRICS Women's Business Alliance que poderiam ser agregadas pela CPLP para promover setores como agronegócio ou energia. Assim em termos de Cooperação em Segurança Alimentar, os países da CPLP poderiam com alguma facilidade melhorar a produção agrícola e garantir um melhor acesso a suprimentos de sementes, fertilizantes e outros insumos agrícolas.

É verdade que num primeiro passo será extremamente difícil obter todos os benefícios do BRICS, mas por exemplo a parceria econômica, permitiria com bastante facilidade promover um comércio mútuo mais amplo e benefícios de investimento como resultado de um ambiente globalmente favorável aos negócios.

Finalmente a cooperação mais ampla da CPLP com o BRICS ajudaria os países membros a melhorar ainda mais sua competitividade, vínculos comerciais e crescimento econômico.

Os desafios globais são atualmente muito complexos e exigem um nível de coordenação multilateral sem precedentes. Esses desafios tornam extremamente complicado encontrar soluções imediatas nos diferentes países da CPLP a todos os níveis. Pelo que podemos pensar que para a lusofonia

também vale que só podemos progredir se trabalharmos juntos, além das fronteiras, abandonando os nossos velhos egoísmos nacionais.

Referências

ABUSHARAF, Rogaia et al. **Foresight Africa, top priorities for the continent in 2022**, U.S. Institute of Peace, 2022. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/foresight-africa-2022/>>.

ACORDOS, protocolos e convénios da CPLP. Disponível em: <<https://www.cplp.org/id-3871.aspx>>.

ADEOYE, A. **UN vote on Russia invasion shows a changing Africa**. The Chatham House. Março 7, 2022. Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/2022/03/un-vote-russia-invasion-shows-changing-africa>>.

Agenda estratégica para a consolidação da cooperação económica na CPLP 2022-2027. Disponível em: <https://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2FFiles%2FFiler%2F1_CPLP%2FEconomia%2FIMinEcoComFin%2FAgenda-Estrategica-para-a-consolidacao-da-cooperacao-economica-da-CPLP_aprovada-.pdf>.

AS TROCAS comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa de janeiro a maio de 2022 foram de 83,271 mil milhões de dólares. Fórum Macau para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Agosto 23, 2022. Disponível em: <<https://www.forumchinapl.org.mo/pt/as-trocas-comerciais-entre-a-china-e-os-paises-de-lingua-portuguesa-de-janeiro-a-maio-de-2022-foram-de-83271-mil-milhoes-de-dolares/>>.

ASHBY, H. Mutah J.; TOWER, J.; YOUSSEF, Hesham **Amid War in Ukraine, Russia's Lavrov Goes on Diplomatic Offensive**. Agosto 25, 2022. Disponível em: <<https://www.usip.org/publications/2022/08/amid-war-ukraine-russias-lavrov-goes-diplomatic-offensive>>.

BAKALOVA, E.; SPANGER, H.-J. **Development cooperation or competition? Russia as a re-emerging donor**. Peace Research Institute Frankfurt (PRIF). Frankfurt, Hessische Stiftung Friedens- und Konfliktforschung. 2013. DOI: <<https://d-nb.info/1191520013/34>>.

BRASIL quer alargar BRICS à CPLP com destaque para Angola e Moçambique nas relações com África, Observatório da Língua Portuguesa. Julho 25, 2018. Disponível em: <<https://observalinguaportuguesa.org/brasil>>.

[quer-alargar-brics-a-cplp-com-destaque-para-angola-e-mocambique-nas-relacoes-com-africa/>](#).

BRICS-led New Development bank to set up regional office in India. Maio 20, 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/finance/brics-led-new-development-bank-set-up-regional-office-india-2022-05-20/>>.

BRING, Ove **The Westphalian Peace Tradition in International Law, From Jus ad Bellum to Jus contra Bellum.** International Law Studies Volume 75, International Law Across the Spectrum of Conflict, Essays in Honour of Professor L.C. Green On the Occasion of His Eightieth Birthday. Michael N. Schmitt (Editor). 2000. Disponível em: <<https://digital-commons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1435&context=ils>>.

CARVALHO, Gustavo de. **Africa needs to forge a unified approach to Russia before 2023.** Russia-Africa Summit, Daily Maverick. Agosto 3, 2022. Disponível em: <<https://saiia.org.za/research/africa-needs-to-forge-a-unified-approach-to-russia-before-2023-russia-africa-summit>>.

CASARINI, Nicola, et al. **Case Studies on the CCP's Quest for Global Influence.** International Republican Institute. 2022. Disponível em: <<https://www.iri.org/wp-content/uploads/2022/09/IRI-Coercion-Capture-and-Censorship-Case-Studies-on-the-CCPs-Quest-for-Global-Influence-September-2022.pdf>>.

CASCAIS, António. **Who is Angola's new president Joao Lourenco?** Setembro 26, 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/who-is-angolas-new-president-joao-lourenco/a-40218458>>.

CHINA foi o terceiro maior investidor em Angola de 2018 a 2022. Junho 2, 2022. Disponível em: <<https://www.forumchinaplp.org.mo/pt/china-foi-o-terceiro-maior-investidor-em-angola-de-2018-a-2022/>>.

CHINA and Africa: Strengthening Friendship, Solidarity and Cooperation for a New Era of Common Development. Ministry of Foreign Affairs, the People's Republic of China. Agosto 19, 2022. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx_662805/202208/t20220819_10745617.html>.

CHINA-Angola trade increased 29.9% in the first eight months of 2022. Dezembro 6, 2022. Disponível em: <<https://www.forumchinaplp.org.mo/china-angola-trade-increased-29-9-in-the-first-eight-months-of-2022/>>.

CHINA'S Foreign Ministry refutes Western claims of 'Chinese debt trap' in Africa. Global Times. Agosto 18, 2022. Disponível em: <<https://www.globaltimes.cn/page/202208/1273302.shtml>>.

CHINA'S structural transformation what can developing countries learn? United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). 2022.

UNCTAD/GDS/2022/1 ISBN: 978-92-1-113037-9 e ISBN: 978-92-1-001446-5,

Disponível em:
< https://unctad.org/system/files/official-document/gds2022d1_en.pdf>.

CHINA, Brazil to boost investment, trade cooperation in multiple sectors. Maio 24, 2022. Xinhua. Disponível em:
<https://english.www.gov.cn/news/international/exchanges/202205/24/content_DOI:WS6_28ce340c6d02e533532b402.html>.

CHINA-Europa und die Neu Weltordnung. Friedrich-Ebert-Stiftung Büro, China (Peking). Redebeiträge no. 8, 13-14. Maio 2008. Disponível em:
< <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/china/05873.pdf>>.

CHINESE investment in Africa. China Africa Research Initiative at Johns Hopkins University's, School of Advanced International Studies. 2022. Disponível em: <<http://www.sais-cari.org/chinese-investment-in-africa>>.

CHIRKOV, M.; KAZELKO, A. **BRICS New Development Bank: A Second Bretton Woods or a New Trend with its Own Future?** The Valdai Discussion Club. Setembro 2, 2022. Disponível em:
< <https://valdaiclub.com/a/highlights/brics-new-development-bank-a-second-bretton-woods-/>>.

CORDEIRO, Tiago. **Precisamos Usar a Capacidade de Planejamento da China e sua Visão de Longo Prazo.** Entrevista com Larissa Wachholz. Abril 6, 2022. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/noticias/precisamos-usar-a-capacidade-da-china-de-planejamento-e-sua-visao-de-longo-prazo/>>.

COSTA, A. **Primeiro-Ministro quer aumentar cooperação entre Portugal, China e países lusófonos.** Abril 10, 2022. Disponível em:
<<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=primeiro-ministro-quer-aumentar-cooperacao-entre-portugal-china-e-paises-lusofonos>>.

CRABTREE, L. **National Security and Foreign Policy under Putin.** Kennan Institute, The Wilson Center. Disponível em:
< <https://www.wilsoncenter.org/publication/national-security-and-foreign-policy-under-putin>>.

CVCE. EU. **Historical events in the European integration process (1945–2014).** 2022. Disponível em: <<https://www.cvce.eu/en/education/unit-content/-/unit/02bb76df-d066-4c08-a58a-d4686a3e68ff/ef30a4fa-5d3d-450c-9f78-f6a06dd3e739>>.

DECLARAÇÃO constitutiva da CPLP Disponível em:
< <https://www.cplp.org/id-3869.aspx>>.

DECOLONIZATION of Asia and Africa, 1945–1960. The Office of the Historian. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1945-1952/asia-and-africa>>.

FERRARI, H. **Brasil volta ao top 10 no ranking de maiores economias do mundo.** Junho 2, 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/brasil-volta-ao-top-10-no-ranking-de-maiores-economias-do-mundo/>>.

FOLLOWING Russian-Brazilian talks, Vladimir Putin and President of Brazil Jair Bolsonaro made statements for the press. Presidential Executive Office's Information Office. Fevereiro 16, 2022. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/67789>>.

FOSDICK, Raymond B. **The League of Nations as an Instrument of Liberalism.** The Atlantic. Outubro 1920. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1920/10/the-league-of-nations-as-an-instrument-of-liberalism/528060/>>.

GUIJARRO, Óscar Garrido **China and Africa, a geopolitical pairing that works.** Instituto Español de Estudios Estratégicos (IEEE). Documento de Análisis IEIEE 48/2022. Junho 29, 2022. Disponível em: <https://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2022/DIEEEA48_2022_OSCGAR_ChinayAfrica_ENG.pdf>.

Interview: Angola welcomes Chinese cooperation in diversifying nation's economy, says minister. Xinhua. Agosto 30, 2022. Disponível em: <<https://english.news.cn/africa/20220830/4b55da8026e74e73a1d7e046d56ea81c/c.html>>.

IONESCU, Imanuela **Brazil-Russia, Military-Technical Cooperation, A Fruit of the Post-Cold.** War World. Military Review. Novembro-Dezembro 2018. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/November-December-2018/Ionescu-Brazil-Russia/November-December-2018>>.

JACINTHO, Helen **Há novidade no comércio brasileiro com a China.** Agosto 12, 2022. Disponível em: <<https://forbes.com.br/colunas/2022/08/helen-jacinto-ha-novidade-no-comercio-brasileiro-com-a-china/>>.

KANIAKI, Henrique **Angola recebeu 6,2 mil milhões USD de empréstimos do Banco Mundial e FMI.** Maio 16, 2022. Disponível em: <<https://mercado.co.ao/economia/angola-recebeu-62-mil-milhoes-usd-de-emprestimos-do-banco-mundial-e-fmi-AY1155929#:~:text=A%20primeira%20assinatura%20do%20Acordo,montante%20de%200700%20mil%C3%B5es%20USD>>.

KAPPEL, R. **Ukrainekrieg: Globale Ordnung verschiebt sich.** Wirtschaftsdienst 102, 244 (2022). DOI: <<https://doi.org/10.1007/s10273-022-3144-1>>.

KASIANOV, Georgy **The East-West Divide in Europe's History Wars.** "Minimizing the Risk of an East-West Collision: Practical Ideas on European Security" project. Maio 14, 2018. Disponível em: <<https://carnegiemoscow.org/commentary/76335>>.

KLOMEGAH, Kester Kenn **Angola planeja fabricar equipamentos militares russos.** Abril 12, 2019. Disponível em: <<https://www.sdgforall.net/index.php/languages/portuguese/982-angola-planeja-fabricar-equipamentos-militares-russos>>.

KONDRATENKO, Tatiana **Why Russia exports arms to Africa.** Maio 29, 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/russian-arms-exports-to-africa-moscows-long-term-strategy/a-53596471>>.

LAUFER, Jochen. **Pax Sovietica Stalin, die Westmächte und die deutsche Frage 1941– 1945.** Böhlau, Verlag Köln. 2009. ISBN 978-3-412-20416-7, DOI: <<http://dx.doi.org/10.14765/zzf.dok.1.3.v1>>, <https://zeitgeschichte.digital.de/doks/frontdoor/deliver/index/docId/333/file/laufer_pax_sovietica_2009.pdf>.

LISSOVOLIK, Yaroslav **Towards a Free Trade Area for the Global South.** Modern Diplomacy. Setembro 11, 2022. Disponível em: <<https://modern diplomacy.eu/2022/09/11/towards-a-free-trade-area-for-the-global-south/>>.

LOURIDO, Rui **Os Países de Língua Portuguesa intensificam relações com China: Macau afirma-se através do Fórum Macau.** Observatório de la Política China. Abril 19, 2022. Disponível em: <<https://politica-china.org/areas/politica-exterior/os-paises-de-lingua-portuguesa-intensificam-relacoes-com-china-macau-afirma-se-atraves-do-forum-macau>>.

MAIHOLD, Günther **Von BRICS zu BRICS+: Suche nach Allianzen und neuer Identität.** Deutsches Institut für Internationale Politik und Sicherheit. Julho 27, 2022. Disponível em: <<https://www.swp-berlin.org/publikation/von-brics-zu-brics-suche-nach-allianzen-und-neuer-identitaet>>.

MCTAGUE, Tom **What America's Great Unwinding Would Mean for the World.** Agosto 8, 2022. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2022/08/europe-america-military-empire-decline/670960/>>.

MEYER, Thomas **Die alte und die neue Weltordnung.** Neue Gesellschaft, Frankfurter Hefte, 5/2022. Abril 25, 2022. Disponível em:

< <https://www.frankfurter-hefte.de/artikel/die-alte-und-die-neue-weltordnung-3408/>>.

MIGUEL, Bernardo de **Brussels prepares diplomatic offensive to stop the advance of China and Russia in Latin America**. Ediciones El País. Agosto 18, 2022. Disponível em: <<https://english.elpais.com/international/2022-08-18/brussels-prepares-diplomatic-offensive-to-stop-the-advance-of-china-and-russia-in-latin-america.html>>.

MINISTRO angolano quer mais chineses a explorar terrenos agrícolas em Angola. Agosto 31, 2022. Disponível em: <<https://observador.pt/2022/08/31/ministro-angolano-quer-mais-chineses-a-explorar-terrenos-agricolas-em-angola/>>.

XIV CÚPULA do BRICS. Ministério das Relações Exteriores, Governo do Brasil. Nota à Imprensa N° 101. Junho 24, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/xiv-cupula-do-brics>.

MITTER, Rana **What is modern history?** Fevereiro 15, 2021. Disponível em: <<https://www.thebritishacademy.ac.uk/blog/what-is-modern-history/>>.

MORE COUNTRIES knocking on BRICS' door a sign the world needs fairer governance than West-dominated one. Julho 16, 2022. Disponível em: <<https://www.globaltimes.cn/page/202207/1270661.shtml>>.

MORRISON, Wayne M. **China's Economic Rise: History, Trends, Challenges, and Implications for the United States**. Junho 25, 2019. Disponível em: Congressional Research Service. <www.crs.gov
<https://www.everycrsreport.com/reports/RL33534.html>>.

NEDOPIL, Christoph **China Belt and Road Initiative (BRI) Investment Report H1 2022**. Green Finance & Development Center, FISF Fudan University, Shanghai. Julho 2022. Disponível em: <https://greenfdc.org/wp-content/uploads/2022/07/GFDC-2022_China-Belt-and-Road-Initiative-BRI-Investment-Report-H1-2022.pdf>.

NEW DEVELOPMENT Bank approves U\$140mn financing for Brazil infra projects, Bnamericas. Março 24, 2022. Disponível em: <<https://www.bnamericas.com/en/news/new-development-bank-approves-u140mn-financing-for-brazil-infra-projects>>.

ONE BELT, One Road Infrastructure Development Index, China-Lusophone Brief (CLBrief). Outubro 3, 2022. Disponível em: <<https://www.clbrief.com/brazil-angola-and-portugal-rank-high-in-chinese-infrastructure-index/>>.

PAÍSES juntos da CPLP considerados 10ª maior economia mundial. Julho 12, 2021. Disponível em: <<https://e-global.pt/noticias/lusofonia/paises-juntos-da-cplp-considerados-10-a-maior-economia-mundial/>>.

PERTHES, Volker; MAIR, Stefan **Internationale Politik** 3. April 2011, IP. Maio/Junho 2011. Disponível em: <<https://internationalepolitik.de/de/ideen-und-macht/>>.

PORTUGAL quer mais cooperação com China e lembra que abre porta a grandes mercados. Abril 10, 2022. Disponível em: <<https://eco.sapo.pt/2022/04/10/portugal-quer-mais-cooperacao-com-china-e-lembra-que-abre-porta-a-grandes-mercados/>>.

PRESS STATEMENT of the Ministerial Meeting of the Group of Friends of the Global Development Initiative. Setembro 21, 2022. Ministry of Foreign Affairs, The People's Republic of China. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx_662805/202209/t20220921_10769142.html>.

PSENNER, M. **Russlands Interessen in Afrika.** Junho 16, 2022. Disponível em: <<https://www.salto.bz/de/article/16062022/russlands-interessen-afrika>>.

PUBLIC SEES U.S. Power Declining as Support for Global Engagement Slips. PEW RESEARCH CENTER. Dezembro 2013. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2013/12/03/public-sees-u-s-power-declining-as-support-for-global-engagement-slips/>>.

PUTIN approves new foreign policy doctrine based on 'Russian World'. Setembro 6, 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/putin-approves-new-foreign-policy-doctrine-based-russian-world-2022-09-05/>>.

PUTIN: Russia moving away from "untrustworthy" U.S. dollar, euro and pound. China Global Television Network. Julho 7, 2022. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/2022-09-07/Putin-addresses-plenary-session-of-7th-Eastern-Economic-Forum-1d8cXH7WhMs/index.html>>.

XVIII REUNIÃO de Ministros da Defesa da CPLP. Maio 25, 2017. Disponível em: <<https://www.cplp.org/id-4447.aspx?Action=1&NewsId=5574&M=NewsV2&PID=10872>>.

RODRIGUES, Alex **Investimentos chineses voltam a crescer no Brasil após pandemia.** Agosto 31, 2022. Agência Brasil, Brasília. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-08/investimentos-chineses-voltam-crescer-no-brasil-apos-pandemia>>.

ROSNEFT, Petrobras sign natural gas accord for Brazil's Amazon. Julho 14, 2014. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/brazil-naturalgas-rosneft-idLTAL2N0PP0Z820140714>>.

RUGGIE, John Gerard **Multilateralism: The Anatomy of an Institution. International Organization** Vol. 46, No. 3 (Summer 1992), pp. 561-598. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2706989>
<https://scholar.harvard.edu/files/john-ruggie/files/multilateralism.pdf>>.

RUSSIA-Africa Summit, October 24, 2019. The Russian President's official website. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/61893>>.

RUSSIA almost doubles exports' value to Brazil in first half of 2022: mainly fertilizers and fuel. MercoPress. Agosto 15, 2022. Disponível em: <<https://en.mercopress.com/2022/08/15/russia-almost-doubles-exports-value-to-brazil-in-first-half-of-2022-mainly-fertilizers-and-fuel>>.

SANÇÕES contra Alrosa não afectam Sociedade Mineira de Catoca. Mercado, Luanda. Março 30, 2022. Disponível em: <<https://mercado.co.ao/negocios/sancoes-contralrosa-nao-afectam-sociedade-mineira-de-catoca-KE1134639>>.

SCHLINDWEIN, Simone **In Afrika hat Putin noch Fans.** Março 8, 2022. Disponível em: <<https://www.n-tv.de/politik/In-Afrika-hat-Putin-noch-Fans-article23181553.html>>.

SCHROOTEN, Mechthild **Brazil, Russia, India, China and South Africa: Strong economic growth - major challenges.** DIW Economic Bulletin, ISSN 2192-7219. Deutsches Institut für Wirtschaftsforschung (DIW), Berlin, Vol. 1, Iss. 4, pp. 18-22. 2011. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/57689/1/68477187X.pdf>>.

SEBASTIÃO, Sita **Trocas comerciais entre Angola e China aumentam 42% em 2022.** Agosto 8, 2022. Disponível em: <<https://www.forbesafricalusofona.com/trocas-comerciais-entre-angola-e-china-aumenta-42-em-2022/>>.

SHANGWE, Muhidin **Keine Kolonialgeschichte, Über die Beziehungen zwischen China und Afrika vor historischem Hintergrund.** Rosa-Luxemburg-Stiftung, Germany. Dezembro 9, 2020. Disponível em: <<https://www.rosalux.de/news/id/43532/keine-kolonialgeschichte>>.

SHIKWATI, James; ADERO, Nashon; JUMA, Josephat **The clash of systems, African Perceptions of the European Union and China Engagement.** Friedrich Naumann Foundation for Freedom, Germany. Junho 2022. Disponível em: <<https://shop.freiheit.org/#!/Publikation/1278>>.

SISTEMA financeiro justo: Fundação Evert Vermeer Disponível em: <https://www.fecong.org/pdf/coerencia/estudosCaso/coerencia_estudosCaso_SistemaFinanceiroJusto.pdf>.

SITENKO, A. **Strategische Partnerschaften in der Außenpolitik: die Beziehungen zwischen Russland und Ländern Lateinamerikas im 21. Jahrhundert.** Opladen: Budrich Academic Press. Novembro 23, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.3224/96665024>>.

SNYMAN-FERREIRA, M. P. **The evolution of state sovereignty: a historical overview.** Fundamina, vol. 12, no.2, pp. 1-28. 2006. Disponível em: <<https://uir.unisa.ac.za/handle/10500/3689>> <<http://hdl.handle.net/10500/3689>> <https://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/3689/Fundamina%20Snyman.finaal.pdf?s_equence=1&isAllowed=y>.

SONGCHUAN, Chen; SHULONG, Chu **Is America Declining?** Novembro 11, 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/series/brookings-east-asia-commentary>>.

SULLIVAN, Charles. J. **Conceptualizing the collapse: Stalin, Gorbachev, and the downfall of the USSR.** East European Quarterly, Vol. 43, No. 4, pp. 243-264. Disponível em: Dezembro 2015. <https://politicalscience.ceu.edu/sites/politicalscience.ceu.hu/files/attachment/basicpage/1095/charles.sullivan_2.pdf>.

THE ANGOLAN Civil War (1975-2002): A Brief History. South African History Online (SAHO). Disponível em: <<https://www.sahistory.org.za/article/angolan-civil-war-1975-2002-brief-history>>.

THE FOURTEEN Points. The National WWI Museum and Memorial. Disponível em: <<https://www.theworldwar.org/learn/peace/fourteen-points>>.

TURNER. Chris **BRICS: The new name in reserve currencies.** ING Bank N.V. Economic and Financial Analysis. Junho 22, 2022. Disponível em: <<https://think.ing.com/opinions/brics-the-new-name-in-reserve-currencies/>>.

UN HAD ‘constructive’ talks in Moscow on Russian grain, fertilizer exports. EURACTIV.com. Junho 1, 2022. Disponível em: <<https://www.euractiv.com/section/global-europe/news/un-had-constructive-talks-in-moscow-on-russian-grain-fertilizer-exports/>>.

VARZIM, Tiago **China é o quinto país que mais investe em Portugal, superando os EUA.** Março 29, 2022. Disponível em: <<https://eco.sapo.pt/2022/03/29/china-e-o-quinto-pais-que-mais-investe-em-portugal-superando-os-eua/>>.

VERHOEVEN, Harry **China has waived the debt of some African countries. But it’s not about refinancing.** The Conversation. Agosto 31, 2022. Disponível em: <<https://theconversation.com/china-has-waived-the-debt-of-some-african-countries-but-its-not-about-refinancing-189570>>.

WILLIAM A. G. **How America's response to 9/11 contributed to our national decline.** August 27, 2021. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2021/08/27/how-americas-response-to-9-11-contributed-to-our-national-decline/>>.

WORLDWIDE Deaths in World War II. The National WWII Museum. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/students-teachers/student-resources/research-starters/research-starters-worldwide-deaths-world-war>

WYNE, Ali **Great-Power Competition Isn't a Foreign Policy.** The Washington Quarterly, 45:2, 7-21. 2022. Disponível em: <https://twq.elliott.gwu.edu/files/2022/07/Wyne_45-2_TWQ-1.pdf>.

XAVIER, Aurobindo **New Domestic and Foreign Policy Dynamics in both Brazil and India: Implications for the South-South Cooperation and India-Brazil Partnership.** New Nationalisms in an Open World, 26th International Political Science Association (IPSA) World Congress, Julho 10-15. 2021. Disponível em: <<https://www.ipsa.org/events/congress/virtual2021>>.

XAVIER, Constantino H. **From Inaction to Intervention: India's Strategic Culture of Regional Involvement (Nepal, Sri Lanka and Myanmar 1950s-2000s,** Dissertation for the degree of Doctor of Philosophy, Johns Hopkins University, Washington, 2016.

YUSHU, Liu **Bright outlook for China-Brazil bilateral cooperation in developing digital economy.** People's Daily Online. Agosto 1, 2022. Disponível em: <<https://global.chinadaily.com.cn/a/202208/01/WS62e73297a310fd2b29e6f76d.html>>.

ZAVYALOVA, Kira **Russian lender Promsvyazbank looks to Africa for expansion.** Agosto 15, 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/ozabs-uk-promsvyazbank-interview-idAFKCN1AV0V2-OZABS>>.

ZILLA, Claudia **Außenpolitischer Wandel in Brasilien - Bedingungsfaktoren und Implikationen.** Deutsches Institut für Internationale Politik und Sicherheit. SWP-Studie. Maio 7, 2022. Berlin. DOI:10.18449/2022S07. <<https://www.swp-berlin.org/10.18449/2022S07/>>.

ZNOJEK, Bartłomiej; SADER, Valentina, ROUVINSKI, Vladimir **What do Brazil and Russia want from each other.** The Inter-American Dialogue. Fevereiro 23, 2022.

Disponível em: <<https://www.thedialogue.org/analysis/what-do-brazil-and-russia-want-from-each-other/>>.

ZUM GIPFELTREFFEN Russland - China. dgksp – Diskussionspapiere.
Dresden. Fevereiro 2022. Disponível em: <<https://slub.qucosa.de/api/qucosa/%3A78050/attachment/ATT-0/>>.